

KENNETH E. BAILEY



Jesus pela ótica do Oriente Médio

ESTUDOS CULTURAIS SOBRE OS EVANGELHOS




VIDA NOVA

De uma infância no Egito para uma carreira atuante no Oriente Médio, Bailey estabeleceu-se como o mais importante intérprete cultural da vida de Jesus. Usando *insights* da antropologia cultural e uma exegese qualifi cada, de repente os Evangelhos ganham vida como as histórias do Oriente Médio que eles são.

Gary M. Burge, professor de Novo Testamento pela Wheaton College & Graduate School

Kenneth Bailey não oferece novas perspectivas, mas novas ideias muitas vezes tão antigas quanto a igreja primitiva e os primeiros pais da igreja, ainda que essas ideias possam muito bem ser novidade para muitos de seus leitores ocidentais. Aqui está [...] um conjunto engajado e envolvente de estudos que ressaltam o mundo concreto pressuposto no Novo Testamento.

Edith M. Humphrey, professora da cátedra William F. Orr de Novo Testamento no Seminário Teológico de Pittsburgh

Kenneth Bailey, hábil contador de histórias e especialista na cultura do Oriente Médio, aplica seus sessenta anos de vivência nessa região para produzir uma obra inovadora sobre o mundo de Jesus [...]. A paixão de Bailey pela história bíblica junto com sua prosa fi uente tornam esse livro uma leitura cativante para estudiosos, pastores e leigos.

Lynn Cohick, professor adjunto de Novo Testamento na Wheaton College

Kenneth Bailey tem feito um trabalho fantástico que nos permite colocar os óculos de um crente do Oriente Médio e, assim, compreender melhor o que sempre esteve nas Escrituras, mas não de forma tão clara quando visto apenas através de nossas lentes.

Mary J. Evans, vice-diretor emérito da London School of Theology

Sumário

<i>Lista de figuras</i>	9
<i>Prefácio</i>	11
<i>Introdução</i>	13
PRIMEIRA PARTE: O NASCIMENTO DE JESUS	
1 A história do nascimento de Jesus: <i>Lucas 2.1-20</i>	27
2 A genealogia e José, o Justo: <i>Mateus 1.1-21</i>	40
3 O Salvador, os magos e a visão de Isaías: <i>Mateus 2.1-12; Isaías 60.1-7</i>	49
4 Simeão, Ana e as atrocidades de Herodes: <i>Mateus 2.13-18; Lucas 2.22-38</i>	58
SEGUNDA PARTE: AS BEM-AVENTURANÇAS	
5 As bem-aventuranças (parte 1): <i>Mateus 5.1-5</i>	67
6 As bem-aventuranças (parte 2): <i>Mateus 5.6-12</i>	78
TERCEIRA PARTE: A ORAÇÃO DO SENHOR	
7 A Oração do Senhor: <i>Deus nosso Pai: Mateus 6.5-9</i>	93
8 A Oração do Senhor: <i>a santidade de Deus: Mateus 6.9</i>	106
9 A Oração do Senhor: <i>o reino de Deus e o pão nosso:</i> <i>Mateus 6.10,11</i>	115
10 A Oração do Senhor: <i>nossos pecados e o mal:</i> <i>Mateus 6.12,13</i>	126
PARTE 4: AÇÕES DRAMÁTICAS DE JESUS	
11 O chamado de Pedro: <i>Lucas 5.1-11</i>	137
12 A inauguração do ministério de Jesus: <i>Lucas 4.16-30</i>	149
13 O cego e Zaqueu: <i>Lucas 18.35—19.10</i>	172

QUINTA PARTE: JESUS E AS MULHERES

14	Jesus e as mulheres: <i>uma introdução</i>	191
15	A mulher junto ao Poço: <i>João 4.1-42</i>	202
16	A mulher siro-fenícia: <i>Mateus 15.21-28</i>	220
17	Não se deve apedrejar uma dama: <i>João 7.53—8.11</i>	230
18	A mulher na casa de Simão, o Fariseu: <i>Lucas 7.36-50</i>	242
19	A Parábola da Viúva e do Juiz: <i>Lucas 18.1-8</i>	264
20	A Parábola das Jovens Prudentes e das Insensatas: <i>Mateus 25.1-13</i>	271

SEXTA PARTE: PARÁBOLAS DE JESUS

21	Introdução às parábolas.	281
22	A Parábola do Bom Samaritano: <i>Lucas 10.25-37</i>	286
23	A Parábola do Rico Insensato: <i>Lucas 12.13-21</i>	300
24	A Parábola do Grande Banquete: <i>Lucas 14.15-24</i>	311
25	A Parábola dos Dois Construtores: <i>Lucas 6.46-49</i>	323
26	A Parábola do Administrador Infiel: <i>Lucas 16.1-8</i>	333
27	A Parábola do Fariseu e do Publicano: <i>Lucas 18.9-14</i>	344
28	A Parábola do Empregador Compassivo: <i>Mateus 20.1-16</i>	358
29	A Parábola do Senhor que Serve: <i>Lucas 12.35-38</i>	367
30	A Parábola de Lázaro e o Homem Rico: <i>Lucas 16.19-31</i>	380
31	A Parábola das Minas: <i>Lucas 19.11-27</i>	400
32	A Parábola do Nobre Proprietário da Vinha e seu Filho: <i>Lucas 20.9-18</i>	412

	<i>Bibliografia</i>	427
--	-------------------------------	-----

	<i>Índice de passagens bíblicas</i>	435
--	---	-----

	<i>Índice de fontes antigas</i>	430
--	---	-----

	<i>Índice de autores antigos</i>	440
--	--	-----

	<i>Índice de autores modernos</i>	441
--	---	-----

Prefácio

Este livro foi escrito em etapas. Alguns capítulos eram originalmente transcrições de palestras de vídeos gravadas profissionalmente. O trabalho meticuloso de transcrição foi feito por meu querido amigo e colega, o dr. Dale Bowne, professor de Novo Testamento (emérito) da Grove City College. Sou-lhe profundamente grato pelo trabalho árduo de transcrever e começar a passar o material em estilo de palestra para prosa legível.

Outros capítulos são compostos de materiais novos sobre estudos de parábolas que eu havia publicado há quase três décadas. A maior parte desses capítulos aparece aqui pela primeira vez. Sou muitíssimo grato à InterVarsity Press pelo privilégio de disponibilizar os resultados desses estudos aos leitores interessados em analisar os textos à luz da cultura tradicional do Oriente Médio.

Os capítulos são uma coletânea, em que incluí o nascimento de Jesus, bem-aventuranças, oração, mulheres no ministério de Jesus, ações dramáticas e parábolas. O objetivo é oferecer breves vislumbres de alguns tesouros que nos esperam à medida que o isolamento ocidental da interpretação cristã médio-oriental da Bíblia aos poucos vai terminando. Meu objetivo é acrescentar novas perspectivas ao nosso entendimento do texto, e não reorganizar as antigas.

Agradeço também a Joel Scandrett, meu editor e amigo, que dirigiu este projeto do início ao fim com muita paciência. Sempre solícito e perspicaz, ele sabiamente insistiu comigo para que fortalecesse os pontos fracos e esclarecesse as partes obscuras. A ele, minha profunda gratidão.

Minha dívida para com Sara Bailey Makari, minha editora de texto particular, é impagável. Ela dividiu minhas longas e complicadas frases, melhorou meu emprego dos tempos e modos verbais, deixou claros muitos pontos confusos e conteve minha prolixidade. Em suma, ela deu uma enorme contribuição para a boa qualidade do produto final. Muito obrigado, Sara.

Durante mais de duas décadas tive o raro privilégio de contar com os bons e sábios conselhos de um “comitê consultivo” constituído de membros do Presbitério de Shenango (PCUSA) e, mais recentemente, da Diocese Episcopal de Pittsburgh.

Fazem parte hoje desse grupo altamente qualificado os reverendos dr. William Crooks; dr. Dawson David; dr. Joseph Hopkins; o sr. Thomas Mansell, advogado; a rev. Pamela Malony; o sr. William McKnight, CPA; e a rev. dr.^a Ann Paton. Desejo manifestar a todos esses queridos amigos a minha dívida e gratidão eternas.

Muitas pessoas e muitas igrejas, conhecidas e anônimas, ajudaram a sustentar o meu contínuo trabalho de pesquisa. Sem a ajuda delas eu não teria sido capaz de adquirir os recursos nem de terminar a redação deste livro. Refiro-me particularmente à Eastminster Presbyterian Church, em Wichita, Kansas, e à Trinity Presbyterian Church, em Mercer, Pensilvânia. A todas elas, meus sinceros e mais profundos agradecimentos.

Os mais de dez milhões de cristãos de língua árabe do Oriente Médio remontam suas origens ao Dia de Pentecostes, quando alguns dos presentes eram árabes e ouviram a pregação de Pedro em árabe. Dois bispos do Bahrein participaram do Concílio de Niceia.¹ Teólogos e exegetas cristãos de língua árabe produziram durante cinco séculos, de 900 d.C. a 1400 d.C. aproximadamente, conhecimento cristão da mais alta qualidade, a mesma alta qualidade que também se encontra em sua produção atual.

Foi o maior privilégio da minha vida ter sido aceito, estimulado, amado, sustentado, ensinado e orientado durante quarenta anos pelos herdeiros vivos desse mundo cristão semítico. Pelos dias bons e pelos dias difíceis, passando por guerras e rumores de guerras, agradeço a todos. Este livro é tão somente uma tentativa imperfeita de aprender com os antepassados deles (e nossos) e com isso procurar refletir com mais clareza sobre a vida e a mensagem de Jesus de Nazaré.

Soli Deo gloria!

KENNETH E. BAILEY

¹¹Irfan Shahid, *Byzantium and the Arabs in the fourth century* (Washington: Dumbarton Oaks Research Library and Collection, 1984), p. 330.

Introdução

Durante sessenta anos, de 1935 a 1995, o Oriente Médio foi a minha terra. Passei a infância no Egito e por quarenta anos lecionei Novo Testamento em seminários e institutos no Egito, Líbano, Jerusalém e Chipre. Meu trabalho acadêmico se concentrou na busca de compreender de forma mais satisfatória as histórias dos Evangelhos à luz da cultura do Oriente Médio. Este livro é parte deste empenho constante.

Para essa pesquisa me vali de fontes escritas antigas, medievais e modernas. Quanto às fontes da literatura *antiga* (em aramaico, hebraico, siríaco e árabe), não me interessei apenas no Antigo Testamento, na literatura intertestamentária e nos Manuscritos do Mar Morto. A literatura judaica posterior ao Novo Testamento (*Mishná*, *Midrash Rabá* e os dois Talmudes) também é importante. Além da literatura judaica, há a literatura das igrejas orientais de língua semítica.

Escrevendo sobre a importância da tradição cristã oriental, John Meyendorff diz:

A ideia de que a tradição cristã primitiva se limitava à sua expressão grega e latina ainda é muito difundida. Essa suposição distorce a realidade histórica e enfraquece consideravelmente a nossa compreensão das raízes da teologia e da espiritualidade cristãs. No terceiro e no quarto séculos, o siríaco era a terceira língua internacional da igreja. Era o principal meio de comunicação na diocese romana do “Oriente”, que incluía a Síria, a Palestina e a Mesopotâmia.¹

Os cristãos do Oriente Médio foram chamados de os fiéis esquecidos. O mundo sabe que ao longo dos séculos tem havido judeus e muçulmanos no Oriente Médio. Para a maior parte das pessoas, porém, os cristãos do Oriente Médio sumiram da consciência ocidental depois do Concílio de Calcedônia, em 451 d.C. Poucos sabem que hoje existem mais de dez milhões de cristãos de língua árabe, detentores de uma rica herança de literatura antiga e moderna. Falantes de uma língua semítica, esses

¹John Meyendorff, “Preface”, in: *Ephrem the Syrian, hymns*, tradução para o inglês de Kathleen McVey (New York: Paulist, 1989), p. 1.

cristãos são um povo que vive, respira e pensa a cultura do Oriente Médio, agindo e participando nela, pois estão arraigados nos costumes e tradições dessa região. As vozes deles, tanto do passado quanto do presente, precisam ser ouvidas nos estudos bíblicos.

Na tentativa de ouvir essas vozes, este conjunto de ensaios faz uso da literatura cristã antiga em siríaco e árabe sobre os Evangelhos. O siríaco é uma língua irmã do aramaico de Jesus. O cristianismo de língua árabe começou no dia de Pentecostes, quando alguns dos presentes ouviram a pregação de Pedro em árabe. Sabe-se que nos primeiros séculos o cristianismo de língua árabe foi difundido no Iêmen, Bahrein, Qatar e outros lugares.² Com o surgimento do islamismo, o árabe aos poucos passou a ser a principal língua teológica de todos os cristãos do Oriente. Séculos de literatura árabe cristã de alta qualidade permanecem, em sua maior parte, inéditos e desconhecidos.³ Todas essas fontes, em siríaco, hebraico/aramaico e árabe têm em comum a cultura mais abrangente do antigo Oriente Médio, e todas elas são etnicamente mais próximas do mundo semita de Jesus do que as culturas grega e latina do Ocidente.

Desse primeiro período surgiram os escritos de Efrém, o Sírio, e as três traduções clássicas do Evangelho para o siríaco: a Antiga Siríaca, a Peshitta e a Harcleana; as três foram consultadas para este livro.

Do oitavo século em diante, a antiga tradição cristã árabe passou a ser importante. A contar do início do período medieval, o mais destacado estudioso do Novo Testamento do Oriente Médio de que tenho conhecimento até agora é Abu al-Faraj Abdallah ibn al-Tayyib al-Mashriqi, mais conhecido como Ibn al-Tayyib. Esse notável estudioso de Bagdá morreu em 1043 d.C. Georg Graf o define como “filósofo, médico, monge e sacerdote numa única pessoa”.⁴ Na verdade, ele era um homem do Renascimento quinhentos anos antes do Renascimento. Plenamente competente e muito versado no grego, Ibn al-Tayyib também era doutor em medicina, autor de textos médicos e professor da área. Como erudito que era, traduziu o Novo Testamento do siríaco para o árabe, escreveu obras filosóficas e teológicas, editou uma versão em árabe do Diatessarão e escreveu comentários sobre o Antigo e o Novo Testamentos.⁵ Sua obra sobre os Evangelhos é citada muitas vezes neste livro.

Uma segunda voz importante do período medieval é o erudito copta Hibat Allah ibn al-'Assal, que em 1252 concluiu uma edição crítica dos quatro Evangelhos com um aparato crítico completo. Sua obra é um extraordinário compêndio de como o

²J. Spencer Trimingham, *Christianity among the Arabs in pre-Islamic times* (London: Longmans, 1979).

³Georg Graf, *Geschichte der christlichen arabischen Literatur* (Vaticano: Biblioteca Apostolica Vaticana, 1944-1953), 5 vols.

⁴Graf, *Geschichte der christlichen arabischen Literatur*, 2:160.

⁵Albert Abuna, *Adab al-Lugha al-Aramiyya* (Literatura em língua aramaica) (Beirut: Starko, 1980), p. 417-8.

texto foi traduzido do grego, do copta e do siríaco para o árabe ao longo dos séculos antes dele.⁶ Também foram consultados os comentários sobre os Evangelhos escritos por Diyunisiyus Ja'qub ibn al-Salibi (m. 1171 d.C.).

No que diz respeito ao *período moderno*, baseei-me em Ibrahim Sa'id, um proeminente estudioso protestante egípcio do século 20 que produziu excelentes comentários em árabe sobre os Evangelhos de Lucas e João. Além disso, voltei a atenção muitas vezes para Matta al-Miskin, estudioso ortodoxo copta falecido em 2006. Esse monge erudito, que quase veio a ser o patriarca de sua igreja, passou décadas de sua vida monástica escrevendo comentários sobre o Novo Testamento em árabe. Seus seis grandes volumes sobre os Evangelhos são esplêndidos, mas desconhecidos fora do mundo cristão de língua árabe.

Além de comentários, antigos e modernos, também há versões. Tenho certeza de que a Bíblia árabe tem a história mais longa e mais ilustre do que qualquer outra tradição linguística. As tradições cristãs antigas traduziram o Novo Testamento para o latim, o copta, o armênio e o siríaco. No quinto século, porém, esses trabalhos de tradução cessaram.⁷ Os Novos Testamentos em árabe sobreviventes são talvez do oitavo século e certamente do nono. Eles foram traduzidos do siríaco, do copta e do grego, e continuaram sendo aprimorados e renovados até os tempos modernos.⁸ A tradução é sempre interpretação; por isso, essas versões preservam os entendimentos do texto que eram correntes nas igrejas que as produziam. Elas são uma mina de ouro para recuperar a exegese oriental dos Evangelhos.

Estes ensaios não se concentram apenas na cultura, mas contemplam também a retórica. Os povos do Oriente Médio, antigos e modernos, durante milênios compuseram poesia e alguma prosa com estruturas de paralelismo. Conhecidos no Ocidente como “paralelismos hebraicos”, eles são amplamente empregados no Antigo Testamento. Contudo, já no início da tradição literária hebraica, esses paralelismos foram reunidos no que resolvi chamar de “homilias proféticas”. Essas homilias são construídas basicamente por diferentes combinações de paralelismos hebraicos. Às vezes as ideias se apresentam em pares que formam uma sequência linear e aparecem na página segundo o padrão AA BB CC. Outras vezes, as ideias são apresentadas e depois repetidas de trás para diante segundo o modelo AB CC BA, que pode ser chamado de “paralelismo invertido” (ou também de “composição circular” e “quiasmo”). Há um terceiro estilo retórico, a que chamo de “paralelismo escada”, pois os paralelismos seguem o padrão ABC ABC. Muitas vezes, esses três estilos básicos

⁶Kenneth E. Bailey, “Hibat Allah ibn al-'Assal and his Arabic thirteenth century critical edition of the Gospels”, *Theological Review* (Beirut) 1 (1978): 11-26.

⁷A única exceção é a Siríaca harcleana, que foi concluída em 614 d.C.

⁸I. Guidi, “Le traduzione degle Evangelli in arabo e in ethiopico”, *Tipografia della Reale Accademia dei Lincei*, v. CCLXXV (1888): 5-37.

são combinados numa única homilia. Um antigo exemplo muito bem trabalhado dessa combinação de estilos retóricos aparece em Isaías 28, como se vê na figura 0.1:

Ó zombadores, que <i>dominais</i> este povo que está em <i>Jerusalém</i> , <i>ouvi a palavra do SENHOR</i> .	
Pois dizeis:	
1. a. "Fizemos <i>uma aliança com a morte</i> b. e <i>com o Sheol temos um acordo</i> ; c. quando <i>a calamidade destruidora vier</i> , d. <i>não nos atingirá</i> ,	ALIANÇA FEITA COM a morte, Sheol
2. a. pois fizemos da <i>mentira</i> o nosso <i>refúgio</i> b. e nos <i>escondemos sob a falsidade</i> ".	REFÚGIO Esconderijo construído
3. Portanto, assim diz o Senhor Deus: "Ponho em <i>Sião</i> uma pedra como <i>alicerce</i> , <i>pedra aprovada</i> , <i>pedra angular preciosa</i> , de firme <i>fundamento</i> ;	MATERIAL DE construção
4. 'Aquele que <i>crê</i> [nela — LXX] <i>nunca será abalado</i> '.	INSCRIÇÃO
5. E farei do <i>juízo a linha de medir</i> e da <i>justiça</i> , o prumo;	FERRAMENTAS DE construção
6. a. e a <i>saraiva varrerá o refúgio da mentira</i> , b. e as <i>águas inundarão o escondenrijo</i> ".	REFÚGIO Esconderijo destruído
7. a. <i>A vossa aliança com a morte será anulada</i> ; b. e o <i>vosso acordo com o Sheol não subsistirá</i> ; e, c. quando <i>a calamidade destruidora vier</i> , d. sereis <i>abatidos</i> por ela.	ALIANÇA ANULADA COM a morte, Sheol

Figura 0.1. A Parábola dos Dois Construtores em Isaías (Is 28.14-18)

Uma série de características retóricas se destacam nessa homilia. Entre elas:

- A homilia tem sete estrofes. Essas estrofes são *invertidas*, com a estrofe 1 correspondendo à 7, a estrofe 2 correspondendo à 6, e a estrofe 3 correspondendo à 5. O centro (estrofe 4) é o clímax, quando o profeta exorta o povo a *crer* e não *se abalar*. Esse estilo característico de retórica, com suas sete estrofes, é tão antigo e tão amplamente usado que merece um nome. Decidi chamá-lo de “modelo de retórica profética”. Ele aparece no salmo 23. No Evangelho de Marcos, o modelo ocorre dezessete vezes. Na época do NT, portanto, esse estilo tinha pelo menos mil anos de idade.
- A estrofe 1 se relaciona com a estrofe 7 usando “paralelismo escada”. Quando postas uma ao lado da outra, as semelhanças ficam evidentes:

- | | |
|--|---------------------------------------|
| 1. a. Fizemos <i>uma aliança com a morte</i>
b. e <i>com o Sheol temos um acordo</i> ;
c. <i>quando a calamidade destruidora vier,</i>
d. <i>não nos atingirá</i> | ALIANÇA FEITA COM
a morte, Sheol |
| 7. a. <i>A vossa aliança com a morte será anulada</i> ;
b. e o vosso <i>acordo com o Sheol não subsistirá</i> ; e,
c. <i>quando a calamidade destruidora vier,</i>
d. <i>sereis abatidos por ela.</i> | ALIANÇA ANULADA COM
a morte, Sheol |

É bem nítido que as quatro declarações da estrofe 7 correspondem ao que se diz na estrofe 1 e o contradizem. As estrofes 1c e 7c são idênticas.

- Uma rápida olhada nas estrofes 2 e 6 mostra o mesmo tipo de relações. Só que, neste caso, Isaías está usando duas ideias em cada etapa do seu paralelismo escada. Essas ideias estão relacionadas a “refúgio e abrigo”. Na primeira, o refúgio e o abrigo estão firmes. Na segunda, eles são destruídos.
- As estrofes 3 e 5 também correspondem, mas de um jeito diferente. A primeira menciona a prometida pedra da nova fundação. A segunda fala das ferramentas de construção que devem ser usadas. A “linha de medir” (horizontal) será o “juízo”, e o “prumo” (vertical) será a “justiça”. Para construir uma casa de alvenaria, o pedreiro precisa ter materiais de construção (3) e as ferramentas para construir (5). Essas duas estrofes são claramente correspondentes.
- O clímax no centro enfoca a prometida bênção da fé. O edifício que eles construíram (o refúgio e abrigo) vai tremer e cair. Mas com fé (em Deus) eles *não serão abalados*. Além disso, como é de costume, o centro se relaciona com o começo e com o fim. Os governantes de Jerusalém têm uma “aliança com a morte” (1) que não subsistirá (7). Aquele que “crê” (4) será o único inabalável. O centro (4) é composto de dois versos, e 4a se relaciona com 1, enquanto 4b se liga com 7. Isso pode ser observado da seguinte maneira:

4. a. Aquele que <i>crê</i>	(relaciona-se a 1 com sua “aliança/acordo”, que por sua própria natureza exige algum grau de “fé”)
b. <i>não será abalado</i> .	(relaciona-se a 7, em que “não subsistirá” e “abatidos” caracterizam a aliança inútil <i>que será abalada</i>)

Esse tipo de análise talvez seja considerado por alguns “interessante” e “satisfatório do ponto de vista artístico”, mas seria ela importante para a interpretação? Durante séculos a igreja em geral considerou que a maioria dos textos analisados neste livro tem uma ordem em sequência linear, “isso depois daquilo”. Todos os padrões retóricos aqui exibidos podem ou não ser convincentes para você, mas, mesmo que *alguns* sejam considerados válidos, que diferença isso faz? Alguns comentários sobre essa importante questão talvez ajudem.

1. Se o autor está apresentando sua tese com uma estrutura ABC CBA, metade do que ele tem a dizer sobre “A” vai aparecer na primeira linha, e a outra metade deve ser lida na linha seis. O mesmo vale para a segunda (B) e a quinta linhas (B), que novamente formam um par. Perder esse par de ideias é perder uma parte importante de como o orador ou o autor está argumentando.
2. O “paralelismo invertido” põe o clímax no centro, não no final. Como se assinalou, esse estilo retórico é frequentemente chamado de “composição circular”, porque a mente do autor se move em círculo e retorna ao assunto com o qual começou. Um exemplo simples desse fenômeno aparece em Lucas 16.13, que é composto da seguinte forma:

Nenhum servo pode servir a *dois senhores*,
 pois *odiará* a um
 e *amará* o outro,
 ou se *dedicará* a um
 e *desprezará* o outro.
 Não podeis servir a *Deus e a mamom*.

Ao emparelhar a primeira e a última linhas, fica evidente que os dois mestres de que Jesus está falando são *Deus* e os *bens materiais*. Os dois reivindicam autoridade sobre a vida do crente, que deve decidir quem terá o controle. Além disso, o clímax aparece no centro, onde se incitam o amor e a dedicação a um dos mestres (Deus). As mentes com treinamento lógico supõem que o clímax ocorre sempre no final. Quando isso não ocorre, o intérprete precisa saber encontrá-lo.

3. Em geral se determina com maior segurança onde uma narrativa começa e termina quando se descobre sua forma retórica. Paulo registra um maravilhoso hino à cruz em 1Coríntios 1.17—2.2. A divisão ocidental para o capítulo dois está no lugar errado. O hino começa mencionando a pregação do Cristo crucificado. O Cristo crucificado aparece no meio e novamente no fim.⁹ O estilo retórico identifica o início e o fim dessa obra-prima e nos permite refletir sobre ela no conjunto.
4. A análise retórica expõe as seções menores, o que lhes permite manter a integridade em vez de serem ignoradas ou divididas em versículos separados.
5. A análise retórica liberta o leitor da tirania do sistema de numeração. O texto pode ter a sua própria ordenação de ideias. Os números, por mais úteis que sejam para encontrar uma referência, ditam sutilmente ao leitor: “Você *vai* ver essas ideias ou histórias numa sequência linear que segue esses números”. A análise

⁹Kenneth E. Bailey, “Recovering the poetic structure of I Corinthians I 17-II 2: a study in text and commentary”, *Novum Testamentum* 17 (October, 1975): 265-96.

- retórica nos liberta de 1.650 anos de domínio de títulos de capítulos e de 450 anos do controle sutil dos números de versículos.
6. Às vezes a ordem retórica do material é um componente interno importante para ajudar a tomar decisões sobre que variante grega escolher. A evidência externa sobre quais textos são os mais antigos e mais confiáveis é muito importante. A evidência interna dos estilos retóricos envolvidos também merece consideração.
 7. Os paralelos entre as estrofes (em sequência linear, invertidos ou progressivos) em geral revelam significados importantes que de outro modo se perderiam. Em Isaías 28.14-18, o profeta está falando da ameaça nacional da vinda do exército Assírio comandado pelo temido Senaqueribe. Os zombadores que “domina[va]m [...] Jerusalém” (v. 14) tinham feito um pacto com o Egito e estavam dizendo ao povo que, por causa disso, todos estavam seguros. Isaías não se convenceu. O mundo egípcio tinha o foco no culto aos mortos. Isaías se refere à aliança com o Egito como uma “aliança com a morte” (leia-se: Egito). O profeta apresenta o argumento dos governantes na estrofe 1 e depois o destrói linha por linha na estrofe 7. Precisamos ser capazes de observá-lo empenhado na sua crítica devastadora.
 8. Às vezes nos Evangelhos há grupos de linhas muito bem equilibrados, aos quais se acrescentaram algumas “notas de rodapé”. É o caso de Lucas 12.35-38, em que o trecho “na segunda, ou na terceira vigília” quebra o equilíbrio das linhas. Uma segunda “nota de rodapé” aparece na segunda metade de Lucas 4.25. Tais notas explicativas podem ser observadas quando se identifica a estrutura retórica básica. Essas “notas” confirmam a antiguidade do texto subjacente.
 9. Como se observou, esses estilos retóricos são judaicos e podem remontar aos profetas escritores e até a antes deles. O reaparecimento desses mesmos estilos no Novo Testamento deixa claro que os textos envolvidos provêm do mundo judeu, não do grego. Portanto, a defesa da autenticidade histórica do material é fortalecida.
 10. Nem todas as pessoas inteligentes nasceram no século 20. Quando observamos esses estilos retóricos refinados, profundos e cheios de equilíbrio artístico, formamos uma opinião elevada de seus autores.

A análise retórica dos textos bíblicos é como tocar saxofone: é fácil fazer mal feito.¹⁰ A análise retórica que faço aqui é um começo, e é inevitável um aprimoramento futuro.

¹⁰Para uma lista de oito “advertências” na prática da análise retórica, veja Kenneth E. Bailey, “Through peasant eyes”, in: *Poet and peasant and Through peasant eyes* (Grand Rapids: Eerdmans, 1980), p. xix-xx [edição em português: *As parábolas de Lucas* (São Paulo: Vida Nova, 1995)].

No Ocidente, raramente se trata da inspiração das Escrituras como parte dos estudos bíblicos. Paul Achtemeier observa que a doutrina da inspiração “nas últimas duas ou três décadas tem sido notável mais por sua ausência do que por sua presença. Em muitos círculos, ela tem sido honrada por ser ignorada”.¹¹ As igrejas do Oriente Médio viveram como minoria num mar de islamismo durante mais de mil anos. Num mundo assim não se pode fugir do tema da inspiração das Escrituras. O mundo islâmico acredita que o Alcorão foi ditado em árabe beduíno do sétimo século pelo anjo Gabriel ao profeta Maomé, capítulo por capítulo, num período de dez anos. Afirma-se que o material em si é incriado e eterno na mente de Deus e não pode ser traduzido. A expressão usada para definir esse evento é “nuzul al-Qur’an” (a descida do Alcorão). O mesmo verbo designa a “descida” de um alpinista de uma montanha alta. O Alcorão é um todo preexistente que “desce” das alturas.

Os manuscritos antigos dos Evangelhos com iluminuras muitas vezes contêm na primeira página um desenho de um anjo ditando o Evangelho para o autor.¹² No âmbito popular, em certos círculos, há um anseio velado pela certeza que vem com o entendimento islâmico de inspiração.

Contudo, o nosso texto grego não permite essa teoria. Em vez disso, somos obrigados a considerar quatro estágios pelos quais passaram os nossos Evangelhos canônicos. São eles:

1. a *vida* e o *ensinamento* de Jesus de Nazaré em *aramaico*;
2. o *testemunho ocular* aramaico dessa vida e ensinamento;¹³
3. a *tradução* desse *testemunho* para o *grego*;
4. a escolha, o arranjo e a edição desses *textos gregos* em forma de *Evangelhos*.

Com esses estágios em mente, é necessário discutir a inspiração do Evangelho como um *processo* que levou de trinta a cinquenta anos ou mais para ser concluído. Se estivermos interessados apenas no primeiro estágio, optaremos por “um cânon dentro do cânon”. Nos últimos cinquenta anos, tenho acompanhado o debate ocidental sobre essas questões com interesse e muita atenção.¹⁴ Mas ignorar o processo e dar importância apenas ao primeiro estágio é negar o modo que qualquer história significativa é lembrada e registrada.

¹¹Paul J. Achtemeier, *The inspiration of Scripture: problems and proposals* (Philadelphia: Westminster, 1980), p. 14.

¹²Essa ideia tem a mesma idade (segundo século a.C.) que o livro de Jubileus 2.27; 2.1.

¹³Veja Richard Bauckham, *Jesus and the eyewitnesses: the Gospels as eyewitness testimony* (Grand Rapids: Eerdmans, 2006) [edição em português: *Jesus e as testemunhas oculares* (São Paulo: Paulus, 2011)].

¹⁴Veja Achtemeier, *Inspiration of Scripture*.

Kenneth Cragg, o notável anglicano estudioso do islamismo, discutiu a natureza dos Evangelhos num sermão que pregou na Catedral Episcopal de Todos os Santos, no Cairo, Egito, em 16 de janeiro de 1977. Na ocasião, ele disse:

Grande parte da mentalidade científica ocidental atual tem sido tentada a negar a condição de “fato” (e, portanto, de verdade) a tudo o que não pode ser demonstrado em laboratório ou provado por “verificação”. Esse reducionismo instintivo de muitos filósofos contemporâneos infelizmente os impede de levar em conta o significado histórico da fé e a profunda inter-relação entre acontecimento e mistério.

Vamos buscar o auxílio de uma parábola. Dia 22 de novembro de 1963 (Texas). Suponha que eu diga: “Um homem armado com um rifle atirou da janela de um armazém e matou outro homem que passava de carro”. Todas as palavras dessa afirmação são verdadeiras (supondo que reconheçamos a Warren Commission). Mas os fatos são tão obscuros e parcos — tão escassos que quase não são fatos. O acontecimento não foi totalmente relatado. Mas suponhamos que eu vá mais longe e diga: “O presidente dos Estados Unidos foi assassinado”. Isso é mais profundamente fático, porque é relatado de forma mais completa. A vítima é identificada, o crime é considerado político, e a perspectiva é mais verdadeira. Porém, ainda estamos muito longe do significado da tragédia. Vamos tentar mais uma declaração: “Gente de toda parte se sentiu como se tivesse visto as profundezas do mal e as pessoas choravam nas ruas”.

Essa terceira declaração toca o coração. É verdadeira com um tipo diferente de verdade. Pressupõe o que as outras declaram, mas vai além e entra em aspectos que começam a atender a natureza das coisas assustadoras que aconteceram. Sem algo semelhante a esse terceiro relato, o evento permaneceria oculto numa obscuridade parcialmente revelada e tão remota a ponto de ser, em certa medida, falsa.

Agora vamos definir os Evangelhos, e todo o Novo Testamento, à luz dessa parábola. Eles são sem dúvida o terceiro tipo de declaração, que envolve profundamente o coração e a mente numa confissão de sentido vivido — sentido estreitamente ligado à história e ao evento. Com Jesus é assim — nada de neutralidade, simples registro ou cronologia vazia, mas participação viva e envolvimento de coração. Porque a história de Jesus, como toda história importante, não pode ser contada sem o envolvimento da mente e da alma.

A fé cristã é fato, mas não um simples fato; é poesia, mas não imaginação. Assim como o arco, que fica mais forte justamente pela força do peso que se põe sobre ele, a história dos Evangelhos também carrega, com força reconfortante, a devoção de séculos a Jesus como o Cristo. O que é a música, perguntava Walt Whitman, senão o que desperta em você quando ouve o instrumento? E Jesus é a música da realidade de Deus, e a fé é o que desperta quando a ouvimos.¹⁵

¹⁵Kenneth Cragg, “Who is Jesus Christ?”. Um sermão não publicado pregado pelo bispo Cragg na Catedral Episcopal de Todos os Santos, no Cairo, Egito, no domingo de 16 de janeiro de 1977.

Em harmonia com o que Kenneth Cragg escreveu, e dentro da perspectiva do entendimento da inspiração aqui esboçado, estes estudos vão procurar analisar os textos “holisticamente”.

Talvez os editores de documentários televisivos sejam os equivalentes modernos mais próximos dos compiladores/autores dos Evangelhos. O editor de um documentário para a televisão deve selecionar, organizar, editar e prover a locução dos comentários de tudo que apresenta. Se esse editor for “mente aberta”, procurará seriamente apresentar o assunto de forma justa. A expressão *de forma justa* significa “em harmonia com a percepção mais profunda do editor quanto à verdade sobre o assunto”.

Muitos comentários atuais dos Evangelhos, compreensivelmente e com razão, gastam uma quantidade enorme de energia debatendo a natureza “primária” ou “secundária” do material. Esta ou aquela palavra ou expressão remonta a Jesus ou a seus seguidores judeus ou à igreja grega? Estou convencido de que os Evangelhos são história interpretada teologicamente. De acordo com o que se disse antes sobre a inspiração, admito que o Espírito de Deus foi dado a Jesus (Mc 1.9-11), mas também à igreja (At 2.1-4), que o lembrava. Portanto, separar as palavras exatas de Jesus da cuidadosa edição dos autores do Evangelho não é a intenção deste estudo. O drama histórico-teológico do texto será examinado como um todo criativo.

Este livro também não pretende ser um comentário técnico completo. Estou ciente de opiniões diferentes da minha e tenho acompanhado e participado de várias linhas do debate na área do Novo Testamento no mundo ocidental ao longo de meio século. O livro, no entanto, não pretende dialogar com o grande volume da literatura corrente sobre os textos apresentados, tarefa que já foi realizada com muita competência por Joseph Fitzmyer, Arland Hultgren, I. Howard Marshall e outros.¹⁶

Espera-se que os leitores que não têm formação técnica consigam acompanhar as discussões com facilidade. Sem nenhuma presunção de fazer comparações, a meta é apresentar um comentário cultural do Oriente Médio um pouco nos moldes de *Readings in St. John's Gospel* [Leituras no Evangelho de São João], de William Temple, ex-arcebispo de Cantuária.¹⁷ A obra de Lesslie Newbigin sobre o Evangelho de João também vem à mente.¹⁸

Minha intenção é contribuir com novas perspectivas da tradição oriental que raramente, ou nunca, foram consideradas fora do mundo cristão de língua árabe. A minha esperança é que esses ensaios ajudem o leitor a compreender melhor a mente

¹⁶Joseph Fitzmyer, *The Gospel according to Luke* (New York: Doubleday, 1981), vol. 2; Arland J. Hultgren, *The parables of Jesus* (Grand Rapids: Eerdmans, 2000); I. Howard Marshall, *The Gospel of Luke* (Exeter: Paternoster, 1978).

¹⁷William Temple, *Readings in Saint John's Gospel: first and second series* (London: Macmillan, 1955).

¹⁸Lesslie Newbigin, *The light has come* (Grand Rapids: Eerdmans, 1982).

de Cristo e a mente dos autores/editores dos Evangelhos quando registraram e interpretaram as tradições que tinham à sua disposição. O leitor vai decidir se de alguma maneira fui bem-sucedido.

Todas as citações de fontes árabes registradas neste livro são traduções minhas. Parece pedante repetir constantemente “tradução minha” no fim de cada uma. A responsabilidade por quaisquer erros é toda minha. Contudo, identifiquei onde traduzi textos do hebraico, do aramaico, do grego e do siríaco. Nos textos bíblicos citados, trabalhei com a Revised Standard Version (RSV) e ocasionalmente fiz minhas próprias traduções do grego. Quando apresento a estrutura retórica de um texto, uso a RSV, mas de vez em quando reviso essa tradução com base no texto grego.

Os textos aqui estudados são textos grandiosos que inspiraram os fiéis durante quase dois milênios. Certamente, “temor e tremor” devem tomar qualquer intérprete que ouse entrar no espaço sagrado quando as velas queimam sobre o altar. Que assim seja para o escritor e também para o leitor.

PRIMEIRA PARTE

O nascimento de Jesus

A história do nascimento de Jesus

Lucas 2.1-20

Os acontecimentos tradicionais da história do Natal são bem conhecidos de todos os cristãos. Fazem parte da história do nascimento de Jesus três magos trazendo presentes, pastores no campo em pleno inverno, um recém-nascido numa manjedoura e “nenhum lugar na estalagem”. Esses aspectos do relato estão bem firmados na mente das pessoas. A questão é: existe uma diferença fundamental entre o texto e o entendimento tradicional dele? Teriam os séculos acrescentado significados ao nosso entendimento do texto que não estão presentes nele?¹

Um anel de brilhante é admirado e dá orgulho de usar, mas com o passar do tempo ele precisa ser levado ao joalheiro para ser limpo e recuperar o brilho original. Quanto mais se usa o anel, maior a necessidade de o polir de vez em quando. Quanto mais habituados estamos com uma história bíblica, mais difícil é enxergá-la fora do modo que ela sempre foi entendida. E quanto mais tempo a imprecisão permanece incontestada na tradição, mais as suas raízes se aprofundam na consciência cristã. A história do nascimento de Jesus é um desses casos.

O entendimento tradicional do relato de Lucas 2.1-18 contém uma série de falhas críticas, entre elas:

1. José estava voltando para a sua aldeia de origem. No Oriente Médio, as memórias históricas são extensas, e a parentela, com sua ligação com sua aldeia de origem, é importante. Num contexto como esse, um homem como José poderia ter aparecido em Belém e dito às pessoas: “Eu sou José, filho de Eli, filho de Matate, o filho de Levi”, que a maioria das casas na cidade abriria as portas para ele.
2. José era um “nobre”. Isto é, ele era da família do rei Davi. A família de Davi era tão famosa em Belém que o povo local aparentemente chamava a cidade de “Cidade de Davi” (como em geral ocorre). O nome oficial do lugar era Belém.

¹Para uma discussão técnica desse texto, veja Kenneth E. Bailey, “The manger and the inn: the cultural background of Luke 2:7”, *Theological Review* 2 (1979): 33-44.

Kenneth Bailey guia o leitor em um estudo caleidoscópico de Jesus ao longo dos quatro Evangelhos. O autor examina a vida e o ministério de Jesus atentando para a Oração do Senhor, as Bem-Aventuranças, a interação de Jesus com as mulheres e especialmente as parábolas de Cristo.

Em tudo isso, Bailey emprega sua habilidade de especialista da cultura do Oriente Médio para nos levar a uma compreensão mais aprofundada da pessoa e do significado de Jesus dentro de seu contexto histórico e cultural. Para isso, o autor dissipa as nebulosas camadas da interpretação ocidental moderna.

Há muito tempo sou admirador dos proveitosos *insights* de Kenneth Bailey [...]. Aqueles de nós que dependem principalmente de fontes antigas são por ele inspirados a considerar novas abordagens, muitas vezes concordando e muitas vezes completando essa pesquisa.

Craig Keener, professor de Novo Testamento no Seminário Teológico Palmer e autor de *Comentário bíblico cultural: Novo Testamento* (a ser publicado por Vida Nova)

Jesus pela ótica do Oriente Médio, de Kenneth Bailey, é rico em ideias interpretativas e culturais. Ele lança luz sobre o que muitas vezes é esquecido na maioria dos comentários e livros sobre Jesus que foram escritos de uma perspectiva ocidental.

Craig A. Evans, distinto professor da cátedra Payzant de Novo Testamento na Acadia Divinity College e autor de *Fabricating Jesus: how modern scholars distort the Gospels*

Nesse estudo estimulante, Kenneth Bailey [...] põe-se sobre os ombros de intérpretes do Oriente Médio que mal podem ser lidos no Ocidente. Esse livro vai aguçar a compreensão histórica, melhorar a pregação e estimular novas pesquisas [...]. E, em tudo isso, Bailey mantém no centro, como deve ser, a cruz e a mensagem de suas fontes.

Robert W. Yarbrough, professor adjunto e chefe do departamento de Novo Testamento da Trinity Evangelical Divinity School